



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: UM COTIDIANO DE  
INCERTEZAS SOB A ÓTICA DOS PRACINHAS**

**DANIEL NETO DA COSTA**

**BRASÍLIA – DF**

**2019**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção dos graus de Licenciado e Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

---

**Prof. Dr. Mateus Gamba Torres  
(Orientador)**

---

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal  
(Membro da banca)**

---

**Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho  
(Membro da banca)**

**BRASÍLIA – DF**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me auxiliar nessa intensa caminhada, superando os obstáculos e fazendo-me forte diante das adversidades.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a ser uma pessoa melhor, dando-me todo o suporte necessário, mas principalmente, fornecendo o que há de mais precioso, a educação.

À minha esposa, fiel companheira, que sempre esteve comigo nessa jornada, alicerce importantíssimo para a minha conquista.

Aos meus companheiros de trabalho, que por vezes me substituíram nos momentos em que necessitei estar ausente.

Aos excelentíssimos professores do Departamento de História da Universidade de Brasília, em especial ao Professor Doutor Mateus Gamba Torres, docente de Brasil 4 e querido orientador. Obrigado por toda a compreensão e atenção para com minha pessoa.

À biblioteca do Quartel General do Exército e Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira de Brasília, que forneceram as fontes necessárias à pesquisa.

Por fim, agradeço imensamente aos valorosos pracinhas, parte importante da história do país e que jamais será esquecida. Aos senhores, o meu reconhecimento aos serviços prestados à nação.

*Por mais terras que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa  
Esse “V” que simboliza  
A vitória que virá:  
Nossa vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu bernal,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil*

Trecho da canção do Expedicionário  
composta por Guilherme de  
Almeida e Spartaco Rossi.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo abordar o cotidiano de adversidades da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, através de diários e crônicas escritos pelos combatentes que estiveram na linha de frente, evidenciando as condições desfavoráveis com relação à sua formação, medos e incertezas na partida rumo à Europa, bem como no front de batalha, destruição e miséria na Itália, além do esquecimento e descaso pelo poder público e pela sociedade logo após o retorno ao Brasil.

**Palavras-chave** Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; Pracinhas; Front de batalha.

## **ABSTRACT**

This research aims to address the daily adversity of the Brazilian Expeditionary Force in World War II through diaries and chronicles written by the combatants who were on the front line. These archives show evidence of unfavorable conditions while the expedition was being established, fears, and uncertainties before the departure to Europe. Also, these records provide information about the front line, destruction, and the misery in Italy, besides the forgetfulness and neglect by the government and the society soon after they returned to Brazil.

**Keywords:** Brazilian Expeditionary Force; World War II; Veterans; Front Line.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 DIANTE DAS ADVERSIDADES EMBARCARAM EM DIREÇÃO À EUROPA .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Sob quais condições a FEB fora formada? .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Na preparação para o embarque, medos e incertezas surgiram.....</b>	<b>20</b>
<b>2 DO COMBATE NA ITÁLIA AO ESQUECIMENTO NO BRASIL.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 O cotidiano no navio e todos os seus percalços .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 O que viram? Destruição e miséria.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 No front, o medo .....</b>	<b>34</b>
<b>2.4 Os “heróis” abandonados e esquecidos.....</b>	<b>37</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade apresentar a história do cotidiano de combatentes da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, desde sua criação até seu retorno ao Brasil, focando nas dificuldades em que enfrentaram diante dos obstáculos surgidos.

Devido a pressões externas e ataques alemães em território nacional, o Brasil entra em guerra contra o Eixo, enviando à Itália militares formados em curto prazo, tendo de enfrentar as adversidades do combate, de amplitude geográfica e recursos utilizados jamais vistos até então.<sup>1</sup>

Com preparação inadequada devido às péssimas condições de alojamentos, alimentação ruim em um primeiro momento, quando fornecida pelo Exército Brasileiro, melhorando apenas ao juntar-se com o comando do 5º Exército americano e equipamentos obsoletos, os combatentes tiveram de enfrentar inúmeros percalços embarcando para Europa, não sabendo ao certo o que os aguardava, relatando em seus diários as incertezas, medos atrelados à religiosidade e dificuldades cotidianas, que serão abordadas nesta monografia.

Para tal intento é necessário vislumbrar primeiramente conceitos relacionados à guerra, utilizando como referência o General Prussiano Carl Von Clausewitz em seu livro “Da Guerra”. Considerado um dos principais teóricos da formação do pensamento militar moderno, tem por objetivo fornecer reflexões da guerra como instrumento da política de Estado<sup>2</sup> definindo-a como se segue:

Não comecemos por uma definição da guerra, difícil e pedante; limitemo-nos a sua essência, ao duelo. A guerra nada mais é que um duelo em uma escala mais vasta. Se quisermos reunir num só conceito os inumeráveis duelos particulares de que a Guerra se compõe, faríamos bem em pensar na imagem de dois lutadores. Cada um tenta por meio da sua força física, submeter o outro a sua vontade; o seu objetivo imediato é abater o adversário afim de torná-lo incapaz de toda e qualquer resistência.<sup>3</sup>

Clausewitz enfatiza que a guerra se constitui por atos de violência, tendo por objetivo a rendição inimiga, não havendo limites para com seus adversários, colocando-os sempre em situações desfavoráveis, sendo uma das principais causas a questão do desarmamento, onde se evidencia em seu raciocínio: “[...]mediante um ato de guerra

---

<sup>1</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 44-45.

<sup>2</sup> FERREZIN, Carla Cristina Wrbieta. Leitura de Clausewitz no Exército Brasileiro: interpretações da trindade da guerra. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, São Carlos-SP, v.22, n. 1, 2013, p. 103.

<sup>3</sup> CLAUSEWITZ, C. V. *Da Guerra*: 03. Ed. Bela Vista: ed. WWF Martins Fontes, 2010, p. 07.

queremos forçar nosso adversário a executar a nossa vontade, é necessário ou desarmá-lo realmente ou colocá-lo em tais situações em que ele se sinta ameaçado por essa probabilidade”.<sup>4</sup>

Do ponto de vista político, a guerra não se deflagra de forma súbita, sem arranjos e causas, sendo necessária a utilização de forças militares, territórios, que abrangem tanto o teatro de operações, quanto a população que constituirá não só os exércitos, mas toda uma parcela que contribuirá de forma indireta e, aliados que cooperarão para que se atinja o resultado esperado, sem que se meçam esforços, segundo a tese do autor:

Vemos, pois, que a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios. O que se mantém sempre característico da guerra revela puramente da especificidade dos meios que ela põe em prática. A arte da guerra em geral, e a do comandante em cada caso específico, pode exigir que as tendências e as intenções da política não sejam incompatíveis com esses meios, exigência seguramente a não desprezar. Mas, por mais poderosamente que reaja, em certos casos, sobre as intenções políticas, isso terá de ser sempre considerado somente uma modificação destas; pois que a intenção política é o fim, enquanto a guerra é o meio, e não se pode conceber o meio independente do fim.<sup>5</sup>

Nesse contexto, a Segunda Guerra Mundial mobilizou-se através de sua política entre países, formando alianças entre socialistas como a União Soviética e, liberais capitalistas, formados por Grã-Bretanha e Estados Unidos da América, contra Alemanha e Itália, possuidores de ambições políticas e econômicas cristalizadas na ideologia nazifascista.

Segundo o historiador Antônio Pedro Tota, as características que determinaram o conflito possuíam pretensões ilimitadas, com o objetivo de submissão de seus adversários. Hitler tinha como pretensão a total dominação da Europa, que segundo seus pensamentos tornaria os países constituintes em vassalos, transformando seus povos em serviçais do Estado Germânico; em contrapartida, os Aliados, constituídos em um primeiro momento por Inglaterra, Estados Unidos da América e União Soviética, tinham como pensamento uníssono a rendição incondicional e total, não aceitando paz negociada como fora feita na Primeira Guerra Mundial, bem como condições para algum futuro armistício.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> CLAUSEWITZ, Carl. Von. **Da Guerra**: 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 10.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>6</sup> TOTA, Antônio Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 355.

Fazendo um parâmetro para que se entenda as causas da Segunda Guerra Mundial, bem como para que se possa chegar à análise da participação do Brasil, Tota demonstra que a origem do conflito, apesar de ter sido oficialmente deflagrada em 1º de Setembro de 1939, através da invasão da Polônia pelo exército Alemão, tem relação direta ainda na Primeira Guerra Mundial, findada em novembro de 1918, quando os alemães reconheceram a impossibilidade de vencer as forças Aliadas, constituída à época por França, Grã-Bretanha, Itália e Estados Unidos da América,<sup>7</sup> ou seja, suas origens advieram através da competição entre interesses políticos, estratégicos e econômicos das potências capitalistas.

Com uma Alemanha arruinada, o mapa da Europa mudou com o surgimento de países como Polônia, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria e países Bálticos, forçando o então Império Alemão a perder territórios que do ponto de vista político e econômico eram importantes, através da assinatura do Tratado de Versalhes, considerando o país como o principal responsável pela guerra.<sup>8</sup>

O período compreendido entre 1919 a 1933 manteve a Alemanha aparentemente afastada das questões europeias, evidenciando grande ressentimento, que veio a se tornar latente com a subida ao poder em janeiro de 1933 de Adolf Hitler, líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, fazendo surgir o que chamaram à época da *Deutschland Erwash* ou “Alemanha Desperta”, com o objetivo de transformar o país em uma potência militar, reestabelecendo o vigor do Império, época em que ditavam as regras na política da Europa.<sup>9</sup>

Nesse contexto, Hitler iniciou de forma secreta a reconstrução da Alemanha do ponto de vista bélico, rearmando seu Exército, aparelhando a Marinha e criando uma Força Aérea, que por sua vez, teve todo o apoio dos grandes conglomerados industriais.<sup>10</sup>

Dentro dessa política armamentista de poder dois países também se reforçaram militarmente: a Itália, sob o comando de Benito Mussolini, futuro teatro de operações da Força Expedicionária Brasileira, ou seja, local de combate brasileiro; e o Japão liderado

---

<sup>7</sup> TOTA, Antônio Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 356.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 357.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 358.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 358.

por ministros militaristas. Ambos modernizaram suas indústrias pesadas, construindo todo aparato bélico para suas Forças Armadas.<sup>11</sup>

A situação internacional ficava cada vez mais complexa, pois de um lado havia a Alemanha que romperia com cláusulas importantes do Tratado de Versalhes, enquanto a Itália, também ressentida por fatores econômicos e políticos, invadia a Etiópia em maio de 1936, sob apoio alemão, selando uma aliança entre o Fascismo e Nazismo, que veio a inserir nesse cenário anticomunista, o Japão militarista.<sup>12</sup>

Nesse sentido, Eric Hobsbawm afirma em seu livro “Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991” que o liberalismo retirou-se do cenário mundial, havendo em 1920 trinta e cinco ou mais governos constitucionais eleitos, mas que devido à tendência totalitária esses números caíram para talvez doze em 1944 em um total de sessenta e cinco, movimento que se acentuou com a chegada ao poder por Hitler na Alemanha, representando o Nazismo e, de Mussolini na Itália, através do Fascismo.<sup>13</sup>

Nesse estudo, torna-se interessante destacar que esses movimentos que tinham por objetivo cercear o liberalismo, eram exclusivamente de direita, que ameaçavam não apenas os governos constitucionais e representativos, e sim toda uma ordem liberal, caracterizando-se por fascismo na forma original italiana e depois na alemã do nacional-socialismo, ocasionando uma onda antiliberal. Essas doutrinas representavam o autoritarismo e hostilidade às instituições públicas, contra a revolução social e, reacionários, que em seu sentido ideológico pregavam regimes conservadores, resistindo ao individualismo liberal, mantendo um pensamento obsoleto no sentido das lutas de classes, não permitindo partidos, especialmente os comunistas, mas defendendo a ideia de estamentos que teriam seu papel a desempenhar em uma sociedade coletiva.<sup>14</sup>

O fascismo influenciou diversos países na América Latina, inclusive o Brasil sob o regime do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, uma vez que naquele contexto o movimento europeu representava força, riqueza e modernidade, sendo seus líderes populistas divinizados.<sup>15</sup>

Nesse sentido, o historiador Francisco César Ferraz torna visível em seu livro “Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial”, a chamada diplomacia ambígua de

---

<sup>11</sup> TOTA, Antônio Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 358.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 389-360.

<sup>13</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 92-94.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>15</sup> Ibidem, 95.

Vargas, tendo por objetivo aprofundar as negociações com Alemanha e Estados Unidos a respeito de sua política externa, com a intenção de apoio para a construção de uma siderurgia e fornecimento de armas e equipamentos para as Forças Armadas, ocasionando uma divisão ideológica dentro do governo.<sup>16</sup>

Havia uma enorme desconfiança por parte dos americanos com relação à simpatia pelo fascismo entre as lideranças militares brasileiras e também por Getúlio Vargas que em discurso aos oficiais em junho de 1940 expressou: “que o futuro pertencia aos Estados fortes, livres do liberalismo estéril”. Tal impasse norte-americano fazia com que o governo manifestasse uma maior aproximação com representantes alemães, que por sua vez acenavam para o apoio ao projeto armamentista e siderúrgico do Brasil.<sup>17</sup>

Como a batalha no Atlântico poderia ser decisiva no ponto de vista estratégico, os EUA decidiram apoiar o Brasil em sua política externa, mesmo que o discurso de Vargas tenha preocupado alguns Aliados. Em troca o Brasil definitivamente deixaria a neutralidade, rompendo relações com o Eixo, que reagiu.<sup>18</sup>

No início da noite de 15 de agosto de 1942, o vapor Baependi sulcava vagarosamente a costa do estado de Sergipe. Seus tripulantes e passageiros não podiam imaginar que entrariam para a história, da pior forma possível: como vítimas indefesas de uma guerra que até então parecia distante. A poucas centenas de metros dali o comandante do submarino alemão U-507, o capitão de corveta Harro Schacht, ordenara o torpedeamento da embarcação mercante brasileira. Minutos depois, duas fortes explosões e o Baependi era posto a pique. Das 306 pessoas a bordo, morreram 215 passageiros e 55 tripulantes. Era uma ação de guerra, da maior guerra que a história da humanidade conheceria, e que envolveria, de uma maneira ou de outra, homens, mulheres e crianças dos cinco continentes<sup>19</sup>.

Nos dias seguintes outros navios foram atacados, aumentando ainda mais o número de vítimas e a consternação brasileira que reagiu indo às ruas, formando verdadeiras campanhas de mobilização que pediam guerra ao Eixo. “Em 22 de agosto de 1942, o presidente Getúlio Vargas, após reunião com seu ministério, declarou estado de beligerância contra o Eixo. O Brasil estava na guerra”.<sup>20</sup>

Diante de todo conjunto de situações gerais e particulares da Segunda Guerra Mundial, o Brasil se preparava para enviar tropas ao cenário europeu, lutando contra o

---

<sup>16</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 16-17.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 15-19.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 8.

fascismo e totalitarismo que ao mesmo tempo fora simpatizado por autoridades brasileiras e vivenciados pela população durante o Estado Novo.

Assim se inicia o projeto que tem por finalidade estudar o cotidiano de adversidades enfrentado pelos militares do Exército brasileiro, desde a criação da Força Expedicionária Brasileira, suas dificuldades na formação, experiências adquiridas diante de toda miséria e destruição encontradas na Europa, medos ligados à religiosidade que acompanharam a partida ao front italiano, retorno ao Brasil e rápido esquecimento.

Nortearão o estudo, como fontes, “Crônicas de Guerra: A Força Expedicionária na Itália”, de autoria de Cássio Abranches Viotti, que aborda uma narrativa cronológica através de crônicas sobre os momentos em que fez parte como 1º Tenente do 11º Regimento de Infantaria Expedicionário, Regimento Tiradentes, evidenciando as dificuldades diárias daqueles que o cercava e, conseqüentes superações atreladas à religiosidade da tropa mineira e um diário de guerra escrito por Arlindo Bestetti, combatente do 2º Escalão da FEB, que soube detalhar de forma clara e concisa os problemas vivenciados dia-a-dia em que esteve diretamente ligado ao conflito.

Será utilizado para melhor análise das fontes a tese de doutorado “Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945), escrito por Carmén Lúcia Rigoni,<sup>21</sup> que apresenta uma vertente teórica e comparativa com as fontes citadas, destrinchando os caminhos percorridos pelos combatentes sob um enfoque do labor em que vivenciaram, mesmo que de forma microscópica, do ponto de vista da 2ª Segunda Guerra Mundial como um todo, mas de forma macro, representando os relatos experimentados por aqueles que deixaram seus lares em prol da luta contra o fascismo, mesmo não sabendo ao certo seus objetivos, sequer suas razões, pois por vezes simplesmente foram convocados ou até mesmo voluntariados, pois vislumbravam no Exército uma expectativa de vida muito melhor das que eram oferecidas por suas famílias de baixa renda, trabalhadoras rurais e analfabetas, em sua maioria, seguindo em direção ao desconhecido e; “Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB”,

---

<sup>21</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (1968), mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná (2003) e doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Concluiu o estágio de pós-doutorado na Fundação Getúlio Vargas (FGV) na linha de pesquisa Forças Armadas desenvolvida pelo CPDOC em 2013. É colaboradora da Revista Verde Oliva do Exército Brasileiro e também de diversos portais da Força Expedicionária Brasileira por meios de seus artigos.

dissertação de mestrado em História por Luciano Bastos Meron<sup>22</sup>, que evidencia a narrativa da guerra por veteranos através de uma abordagem de história Oral.

Como guia metodológico para o estudo das fontes, Maria Tereza Cunha evidencia que formas autorais de inscrição, diários pessoais, denominados escritas ordinárias, possibilitam ao historiador a buscar e identificar as maneiras em que ocorreram os fatos narrados.<sup>23</sup>

Sob um novo olhar, a emergência dessas fontes ordinárias na historiografia deu-se mais intensamente a partir da década de 1980, na chave das propostas da História Cultural, que observou serem estas matérias pessoais “portadores e construtores de sensibilidades”, também chamadas de práticas culturais do sensível. Com os historiadores dessa linha historiográfica, os diários pessoais passam a ser vistos como documentos valiosos para a compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, amizades, ressentimento, mas também marcadas pelos freios morais de determinada época - territórios de pesquisa abertos a partir do momento em que passados e reminiscências se tornam públicos, dado que são versões miniaturizadas de trajetórias humanas comuns.<sup>24</sup>

Dentro dessa perspectiva, os diários constituem-se como fontes que inserem em seu contexto tensões e dilemas vividos à época, sendo possível ao historiador capturar as sensibilidades do passado, contendo práticas sociais que partilham de um regime de historicidade, eternizando as ideias, pensamentos, valores, medos, anseios de seu tempo e espaço.<sup>25</sup>

Cabe ainda, ao historiador problematizar todos os registros documentais os alicerçando ao estudo de experiências coletivas, pois a escrita pessoal se nutre de relatos produzidos coletivamente que impactaram o diarista, fazendo parte importante de seu cotidiano<sup>26</sup>, como o caso das fontes que serão analisadas nessa monografia, tendo seus autores capitulado fatos vividos tanto individualmente, mas, principalmente coletivamente e que internalizaram em seus pensamentos e os transpuseram aos seus escritos.

Entretanto, ao analisar a documentação cuidados são necessários, pois as fontes podem estar tomadas por sentimentos nostálgicos, difusos da realidade, desviando o

---

<sup>22</sup> Atualmente é professor da Rede Estadual de Ensino (Bahia), Mestre (2009) pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFBA (Ex-Bolsista CAPES) e Licenciado em História pela mesma instituição (1999), com experiência na área de História Militar.

<sup>23</sup> CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 252.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 252-253.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 253.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 259.

pesquisador de seus objetivos, devendo as submeter ao estudo historiográfico, cruzando dados com outras fontes e pesquisas advindas de outros locais de produção.<sup>27</sup>

Diante do exposto, será abordado no primeiro capítulo informações acerca das adversidades ainda em solo brasileiro, dificuldades na formação da FEB, padrão dos militares convocados e voluntários, qualidade dos equipamentos recebidos, sucinto adestramento da tropa e embarque nos navios norte-americanos. E no segundo capítulo iremos tratar sobre os sentimentos que acompanharam a partida dos combatentes, sua religiosidade, o medo no combate propriamente dito, o esperado retorno à pátria e o rápido esquecimento, sempre focando o cotidiano dos Expedicionários sob os laboriosos dias que haveriam de seguir.

---

<sup>27</sup> CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 260.

## 1 DIANTE DAS ADVERSIDADES EMBARCARAM EM DIREÇÃO À EUROPA

### 1.1 Sob quais condições a FEB fora formada?

O primeiro grande desafio seria o de formar a Força Expedicionária Brasileira, agora que Getúlio declarara guerra ao Eixo. Para tanto, a seleção dos homens constituíram como a primeira dificuldade das juntas médicas, pois os brasileiros em nada se encaixavam dentro dos padrões de exigência americanos, fossem elas as questões do peso, altura e até mesmo dentição.<sup>28</sup>

Dentro das apurações o que fora constatado e inclusive citado pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, como evidencia Carmen Lúcia Rigoni em sua tese de Doutorado, era a de que o material humano brasileiro estava exposto e representava uma miséria física, com número exacerbado de subnutridos, parasitados e intoxicados crônicos que por sua vez embarcaram rumo à Itália, escandalizando o comando aliado.<sup>29</sup>

As juntas médicas foram instituídas a partir de 1943, reunindo dados de cem mil examinados, compilando informações importantes sobre o padrão de saúde da tropa brasileira, que deveria estar em boas condições físicas, mentais e intelectuais para melhor aproveitamento no combate.<sup>30</sup>

Porém, tais juntas tiveram incontáveis dificuldades em todo o processo de escolha dos militares, fossem de efetivo médico empregado nas missões, curto prazo para a formação sanitária de apenas três meses, bem como da difícil tarefa de selecionar sob os padrões americanos um total, em princípio, de 60 mil homens em um universo de 200 mil, nas diversas Regiões Militares.<sup>31</sup>

Rigoni cita informações retiradas do diário do médico Massaki Udihara, convocado para exercer as funções de comandante de pelotão de infantaria, onde narra eventos sobre casos de doenças de simples diagnóstico, mas que manifestaram entre os soldados que nem deveriam ter sido selecionados, muito menos embarcados para a Itália, denotando um padrão deprimente de parcela da tropa, homens que por vezes não

---

<sup>28</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 174.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 175-176.

possuíam capacidades de locomoção por meios próprios devido às precárias condições de saúde, necessitando de auxílio de seus companheiros.<sup>32</sup>

Relato interessante e que agrega mais informações sobre a conscrição, fora escrito pelo então Tenente Viotti em seu livro de crônicas, dando uma dimensão contingencial sob sua ótica.

Olhando-os, eu ficava triste, tinha vontade de chorar, tanto que me afligia aquele retrato cruel do Brasil. Muitos chegavam da roça descalços. Mal vestiam uma calça cerca-frango, curta pela canela, e uma camisa miserável, ambas de brim, já rotas. Grandes partes deles, desdentados, ou com grandes falhas de dentes. Havia os papudos, os enfezados, os nanicos, todos criancolas, imberbes, cabeludos (não tinham dinheiro para cortar os cabelos), bobos, gagos, grande número de analfabetos. Em geral, feios.<sup>33</sup>

Aos poucos, grupos de homens que representariam o Brasil na Segunda Guerra Mundial formavam-se, obviamente não como o alto escalão pensara inicialmente, mas representavam o retrato fiel brasileiro à época, ou seja, jovens trabalhadores rurais e urbanos, vindos das classes populares em sua maioria e escolaridade baixa, somando-se um contingente de 25 mil homens, cerca de 0,06 por cento da população brasileira à época.<sup>34</sup>

Convocados e recrutados, esses homens foram sendo organizados em três regimentos, unidades militares, formando o 1º Regimento de Infantaria no Rio de Janeiro-RJ, 6º Regimento em Caçapava-SP e o 11º Regimento de Infantaria em São João Del Rei-MG, além do apoio de grupamento de obuses e do 9º Batalhão de Engenharia de Aquidauana em Mato Grosso do Sul.<sup>35</sup>

Feita a organização, passa a ser interessante a história da estruturação do Exército Brasileiro, que até aquele momento era inspirado nas diretrizes e normas militares francesas, orientada entre os anos de 1921 a 1940, denominada de Missão Militar Francesa, que agora sob novos aliados, deveriam se adaptar de forma abrupta os novos ensinamentos e colocá-los rapidamente em prática.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, pp. 178-179.

<sup>33</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998. p. 16.

<sup>34</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 48-49.

<sup>35</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 189.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 182.

Muitos transtornos ocorreram, pois novos órgãos deveriam ser criados como exigiam os norte-americanos, não havendo material nem pessoal adequado, bem à realidade brasileira como cita Francisco César Ferraz em “Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial”.

[...]a força terrestre brasileira em 1942 refletia fielmente as carências de toda ordem de sua sociedade. As armas, munições e equipamentos originavam-se de fornecedores de diversos países, alguns dos quais em guerra contra o Brasil; havia carência de carros de combate, equipamento de comunicação, engenharia, logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras contra os tradicionais “inimigos potenciais” do Prata. Equipamentos que já eram usados na guerra, como criptógrafos, teletipos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho eram completamente desconhecidos por oficiais e praças. Um novo exército deveria ser criado para o combate no Mediterrâneo.<sup>37</sup>

Do ponto de vista do escalão superior, também reconheciam o quanto estavam despreparados para o conflito, impressionados com os recursos envolvidos, uma vez que puderam observar melhor o contexto global ao serem enviados como observadores ao Norte da África e Itália, com objetivo de colher informações a respeito, principalmente com relação à operacionalização, segundo os padrões norte-americanos, estacionamentos e treinamentos, bem como detalhamento sobre a guerra que iriam enfrentar.<sup>38</sup>

Diante da realidade dos fatos, pouco puderam fazer, pois os quartéis “regurgitavam” de homens, como cita o Tenente Viotti em suas crônicas, sendo obrigatório aos militares mais antigos, ou seja, mais experientes, terem que dormir em barracas, enquanto os mais novos pudessem ter um mínimo de conforto, mesmo em condições precárias. Os já soldados não possuíam fardas, equipamentos e andavam sujos pelo aquartelamento.<sup>39</sup>

[...]devido às precaríssimas condições de higiene do aquartelamento, especialmente nas cozinhas, com enxames de pernilongos e de moscas, dormia-se mal, ou não se dormia, o que era mais frequente, a não ser por exaustão, e havia crises de disenteria. O aquartelamento improvisado lembrava baias. Feito de madeira, sem janelas, aberto a partir de certa altura, aquilo era uma festa para os pernilongos.<sup>40</sup>

Com relação aos uniformes e os sacos de viagens recebidos para acondicionamento de roupas de muda, esses eram de péssima qualidade, constituídos de calça e blusa verde-oliva de tecido e corte ruim, perneiras verde-oliva e chapelão

<sup>37</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 44.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>39</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998. p. 16-17.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 25.

modelo de lampião. “O par de *borzeguis* (botas) era pesado e duro, provavelmente de couro de péssima qualidade, completamente diferente dos calçados macios e leves e de boa aparência que os oficiais haviam recebido no exército”.<sup>41</sup>

Uniformes que foram utilizados pela tropa e apresentados à sociedade, inclusive no desfile da FEB por ocasião da despedida no Rio de Janeiro, onde cita o Sargento Alves no dia 24 de maio de 1944: “Vestimos aquele monstrengo de uniforme com a camisa enviesada de todos os lados, as meias brancas grossas, os borzeguins e perneiras e tocamos para o café...”<sup>42</sup>

Os relatos dos Expedicionários foram constantes quanto aos uniformes e demais equipamentos, que segundo contam em seus diários, não denotavam uma boa apresentação, criando constrangimento à tropa, bem como quanto à qualidade, dificultado o combate diante do inimigo.

Não havia nessa época uma indústria de roupa que pudesse atender a demanda do atendimento ao elevado número de soldados que estavam nos preparativos para embarcar para a Itália[...]sem a definição sobre o local em que a FEB iria combater, os uniformes foram confeccionados em brim, em tecido de má qualidade, que, nas primeiras ações militares em território italiano, acabaram por romper nas costuras e nos joelhos. Mesmo o uniforme de lã verde-cinza, feito às pressas, com material de carga, não assegurou a proteção contra o frio italiano. Além de seu modelo grotesco, era confundido com o uniforme alemão em virtude da cor. Durante as chuvas e o frio do rigoroso inverno italiano, tal uniforme mostrou-se inadequado, pois não era impermeável.<sup>43</sup>

Como solução, a Intendência do 5º Exército Americano, observando a precariedade das tropas brasileiras, substituíram os uniformes de péssima qualidade. Agora os soldados utilizavam os mesmos equipamentos que os americanos, capazes de superar as rigorosas condições do inverno italiano<sup>44</sup>, vencendo mais uma “batalha” nesse cotidiano de adversidades.

Agora os soldados mal alimentados, com equipamentos e uniformes não condizentes com o padrão de batalha que enfrentariam, necessitavam de treinamento, que por sua vez iniciou-se ainda no Brasil, mesmo que de forma sucinta. Não estavam preparados.

Os treinamentos básicos eram feitos no modelo de combate francês e necessitavam se adaptar para o americano, que por sua vez enviou oficiais para as

---

<sup>41</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 194.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>44</sup> *Ibidem*, pp. 195-196.

instruções iniciais, nas quais se resumiam em exaustivos exercícios de em média 25 quilômetros de marchas através estrada, realizados diariamente. Tais treinamentos foram aglutinados no Rio de Janeiro, fazendo com que as tropas saíssem de seus locais de origem, centralizando-os e preparando-os também para o breve embarque.<sup>45</sup>

Havia uma grande deficiência no preparo para a guerra, que se resumia na burocracia desordenada, movimentação dos quadros mais especializados, que por vezes para fugir da convocação pediam transferência para outros locais, falta de material e de campos de instrução condizentes.<sup>46</sup>

Os manuais de instrução foram superficialmente traduzidos, pois o número de conhecedores da língua inglesa era limitado, resultando em pouco aproveitamento com relação ao conteúdo, como evidencia o capitão da reserva Mário Amaral, convocado em 1941 e, citado por Rigoni. Ainda nas observações do capitão, os treinamentos de tiro eram feitos de forma precária, não chegando a três no mês, porém, o que mais chamou atenção foi a dificuldade em aquartelar tantos soldados, não havendo espaço suficiente, criando um ambiente desagradável.<sup>47</sup>

[...]os soldados ao chegarem aos locais onde passariam por instrução, viram-se instalados em galpões improvisados e desconfortáveis, construídos sem a menor preocupação com a higiene. “Lamentavelmente, recrutas inexperientes, soldados problemáticos, oficiais da reserva e novos graduados da Escola Militar do Realengo foram utilizados para completar o efetivo das unidades- e não outros profissionais”...tal situação reverteria em problemas para a FEB.<sup>48</sup>

Concluindo esse ponto, evidencia-se que os treinamentos da tropa não estavam condizentes com o padrão de combate que estava por vir, principalmente com relação ao emprego correto dos novos armamentos que receberiam, como o fuzil M1, morteiro 60mm, fuzil automático *Browning*, equipamentos de comunicação, entre outros, totalmente desconhecidos aos Expedicionários e com pouco tempo hábil para seu aprendizado.<sup>49</sup>

## 1.2 Na preparação para o embarque, medos e incertezas surgiram

---

<sup>45</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 190.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 191-192.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 192.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 209.

Diante de todas as adversidades as tropas foram formadas, equipadas, alimentadas, treinadas, centralizadas no Rio de Janeiro e, agora se preparavam para o desfile de despedida e embarque para o combate.

Sobre o desfile, conta com riqueza de detalhes o Tenente Viotti, que se contundira em uma partida de futebol, segundo ele também fazia parte dos treinamentos para a guerra, tendo que desfilar nas viaturas, indignado, evidenciado em suas crônicas, pois as marchas a pé eram muito mais “vibrantes”, ou seja, mais emocionantes, contagiantes. “Os infantes se irmanam numa emoção única, quase indescritível, ritmados e empolgados pela banda de música, pelos aplausos...assentado na boleia de um caminhão, senti-me deslocado, vibrei muito menos”.<sup>50</sup> Essa passagem é claramente carregada de comoção e nostalgia, sempre enfatizando certa heroicização por parte da tropa.

Ainda que tomado por fortes emoções ao escrever seu livro 54 anos depois de sua vivência na Segunda Guerra Mundial, algo naquele desfile o irradiou de raiva ao saber que por ordem do Comandante da Infantaria Divisionária, General Zenóbio da Costa, os negros deveriam desfilar a pé, o que denotava claras ações racistas por parte do comando.

Contudo, cita envaidecido que o então Capitão Caio Marcos Ovalle de Lemos, recém-chegado de um estágio nos Estados Unidos da América, no *Fort Benning* e comandante da Companhia de Canhões anti-carros do 11º Regimento de Infantaria, na qual fazia parte, desrespeitou a ordem absurda, determinando que todos desfilassem de acordo com suas funções, não por sua cor de pele<sup>51</sup>, evidenciando uma cisão que havia naquele cotidiano da sociedade à época, se furtando da ideologia segregacionista empregada também no Exército americano, como foi o caso da 92ª Divisão de Infantaria norte-americana composta por soldados afro-americanos e comandadas por oficiais brancos que também compunham o V Exército, juntamente com a FEB.<sup>52</sup>

Viotti relata que a tropa se preparara ainda de madrugada para o desfile, com suas botas engraxadas e equipamentos ajustados, descendo o morro do Capistrano em direção à estação da Central, evidenciando as péssimas condições do acantonamento,

---

<sup>50</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998. p. 20.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 20-21.

<sup>52</sup> SILVA, M.V.M; FOLY, F.M. **Força Expedicionária Brasileira: 70 anos. Uma análise política do processo de negociação, criação e dissolução**. Rio de Janeiro: Revista brasileira de História Militar, 2013, p. 24.

localizado na vila Militar do Rio de Janeiro<sup>53</sup> bem como o padrão de higiene e asseio da tropa.

Devido àquele ambiente insalubre, no Campo de Santana, muitos soldados acometidos de disenteria fizeram suas necessidades em praça pública, onde seus companheiros improvisavam com seus próprios corpos uma barreira humana para que resguardassem aquele momento nada propício, seguindo para o Flamengo, onde aguardavam revista do comando e autoridades.<sup>54</sup>

O desfile ocorreu na avenida Rio Branco, onde receberam muitos aplausos da sociedade carioca, findando na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, local onde puderam descansar, comer um lanche fornecido pela cadeia de suprimento e preparar para o retorno, como conta.<sup>55</sup>

Na boca da noite rumamos a pé para a Vila Militar. Seriam 30 quilômetros? Mais? Menos? Não tínhamos noção exata. Apenas nos parecia que o esforço feito o dia inteiro já era suficiente para aquilatar o preparo físico da tropa. Para os expedicionários, não. Não era suficiente. Era preciso provar que éramos super-homens. O pior de tudo era que as ruas dos subúrbios eram todas calçadas em alvenaria poliédrica, o chamado pé de moleque, absolutamente impróprias para uma marcha daquele porte...alguns soldados, exaustos e de pés feridos abandonaram a marcha em busca dos trens elétricos.<sup>56</sup>

Mesmo com narrativa heroicizada, Viotti nessa citação evidencia o despreparo não só da tropa, pois na guerra muitas vezes teriam de enfrentar obstáculos ainda mais desafiadores, mas também a falta de meios necessários para o transporte dos combatentes. Além disso, faltava coesão dos homens, no sentido de que em nenhum exército seria permitido com que os militares tomassem por causa própria o abandono da marcha.

Agora os Expedicionários já apresentados à sociedade brasileira aguardavam o embarque, porém ainda com muitas incertezas se realmente haveriam de partir, sentimento comum tanto entre os civis quanto aos próprios militares, não crendo ainda quanto a real participação no conflito mundial.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> Construção incentivada em 1917 por Marechal Hermes então ministro da guerra do governo de Afonso Pena, planejada e projetada como primeira unidade autônoma do Exército Brasileiro com o intuito de modernizar a força militar e localizada próximo ao bairro operário distanciando em aproximadamente 30 quilômetros da estação central, segundo McCann, Frank. *Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>54</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 25-26.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>57</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 45.

Diante de tantas obscuridades, o Tenente Viotti, assim como relatam outros *febianos*, perguntavam para si mesmos se queriam ir à guerra, sem saber ao certo onde seria o combate, como evidenciam: “Éramos soldados, éramos disciplinados, patriotas, faríamos das tripas coração para cumprir nossos deveres, mas daí a afirmar que queríamos ir para a guerra era um passo muito grande.”<sup>58</sup>

Um cotidiano de incertezas pairava sobre os pensamentos dos militares, havendo muitas perguntas sem respostas.

O que dizer dos oficiais da reserva convocados aos montes para a Força Expedicionária, quando os quartéis estavam cheios dos oficiais de carreira empenhados nos trabalhos rotineiros da paz? O que dizer dos soldados arrancados do sertão, das suas roças de milho, do seu gadinho de leite, de suas famílias, das pescarias de lambari nos córregos mansos? O que entendiam eles da guerra? O que era a Europa? Porque deveríamos substituir os americanos, integrar seu exército, morrer por eles, se tantos deles pareciam veranear no Brasil?<sup>59</sup>

As passagens representam certo enraivecimento por parte dos militares brasileiros, principalmente no que tange àqueles convocados da reserva, não entendendo os motivos explícitos sobre suas participações no conflito. Por isso tantas perguntas, ao mesmo tempo envoltas de sentimentos de indignação e, ainda que dissessem ser patriotas, pelo menos do ponto de vista do Tenente Viotti, claramente uma exceção com relação ao seu grau de instrução à época, assim como quaisquer ser humano, sentiam medo do desconhecido.

Além da surpresa, outros sentimentos eram contundentes entre os militares, como tensão e medo, pois nada se sabia com relação à partida, principalmente pelo fato da segurança para com a tropa, os resguardando às prováveis ações de espionagem inimiga. Porém, os preparativos denunciavam o embarque iminente, além de breves liberações para prováveis despedidas.<sup>60</sup>

Viotti enfoca esse momento em sua vida, quando sua mãe e seu pai foram ao Rio de Janeiro para se despedirem já às vésperas do embarque. Relata também que sua esposa esperava seu primogênito.

De pé, os três, a premonição de minha morte presente em meu espírito, agradei, e nos despedimos...prometi zelar por minha saúde e evitar fazer loucuras...e terminei, sério, solene, definitivo: “Entretanto, se, para eu voltar,

<sup>58</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 27

<sup>59</sup> Ibidem, p. 28

<sup>60</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, pp. 45-46.

depender da desonra e da covardia, não me esperem, porque não voltarei.” E dei em minha mulher um beijo casto no rosto.<sup>61</sup>

O fato de desconhecerem o futuro, sabendo apenas que pessoas morreriam em confronto, deixava a imaginação repleta de eventos trágicos que poderiam vir a acontecer, pensamentos típicos provocados pelo medo de não mais voltarem ao seio de seu país, mas o que seria ainda mais importante, ao convívio daqueles que amavam.

Sentimentos semelhantes foram retratados em muitos diários de guerra, e que merecem destaque como o diário do soldado Arlindo Bestetti, integrante do Segundo Escalão da FEB, no qual narra de forma simples, iniciando seus comentários justamente no ponto que se refere às despedidas.

Soldado do grupo Escola a qual servia a mais de um ano, evidencia aquele cenário de incertezas, deixando no dia 19 de setembro de 1944 seu quartel localizado na Colina Magalhães, estação de Deodoro, Rio de Janeiro, com destino a plataforma de embarque, marchando a pé com seus companheiros, compartilhando da mesma emoção.<sup>62</sup>

A despedida dos camaradas que ficavam, as canções entoadas, tudo causava muita emoção. Eu, que já me achava afastado da família há quase dois meses, poderia não sentir tão intensamente os efeitos entristecedores da partida, contudo, a dor incontida se apoderou de mim; fiz ânimo forte para conter lágrimas que queriam denunciar meu sentimento íntimo. Uma saudade antecipada já me dominava; saudade da família, a qual eu já não via muito e que não sabia quando me seria dada a ventura de revê-la. À partida, com bagagem de sacos às costas, movia-se a fila rumo ao portão de saída. Ali, parentes dos soldados que partiam, aguardavam a tropa para poder ver ainda uma vez seus entes queridos. Novas cenas comovedoras! A solidariedade humana, nesses momentos, se fazia sentir mais forte. Muitos choravam, ao abraçar os seus e outros choravam ao assistir às cenas dessas despedidas.<sup>63</sup>

Comovidos com as despedidas de seus familiares e diante das incertezas sobre o futuro, a partida causara medo, até mesmo pânico, mas como evoca em seu diário, nasce um sentimento de irmandade e solidariedade para com os outros, sentimentos até mesmo involuntários, surgidos a partir de um denominador comum, o receio de nunca mais voltar.

Arlindo lembra-se com detalhes do dia em que saíram do quartel com destino ao porto, mencionando sobre a marcha a pé diante do calor excessivo, fazendo com que a tropa necessitasse parar sucessivas vezes para breves descansos, pois também carregava

---

<sup>61</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 34-35.

<sup>62</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 11.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 11-12.

toda sua bagagem, o qual chamava por saco “A”, local para acondicionamento de seus pertences.

Deodoro, Marechal Hermes, Bento Ribeiro, assim iam sucedendo as estações tão nossas conhecidas! Ao passar por Madureira, meu coração pulsava mais aceleradamente, porque ali era o lugar que me fazia recordar a família, agora desunida pela circunstância de guerra. A rua onde eu morava era a última recordação dos dias recentes, em que vivi junto aos meus.<sup>64</sup>

Estando distante a quase dois meses de seus familiares, somada ao processo de despedida do Brasil, os militares relataram em mínimos detalhes e passaram a perceber e valorizar momentos e lugares que jamais notariam em outras situações. Agora tudo fora gravado em suas memórias.

Viotti também detalha sua marcha em direção ao cais, que para não causar alardes fora planejado uma simulação de exercício que seria desencadeado em Sepetiba, com o intuito de manter o sigilo para com o inimigo. Diferente da tropa de Arlindo, o Regimento do Tenente fora de trem a partir da estação da Vila Militar<sup>65</sup>, mas com os mesmos sentimentos comuns às despedidas e às incertezas, tensos e preocupados com o que estava por vir.

O Brasil não dispunha de meios seguros para o transporte da tropa ao cenário europeu, sendo fornecido pelos Estados Unidos da América todo o traslado, através dos navios denominados por General Mann e General Meigs, com o máximo de rapidez e segurança possíveis à época para os mais de 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira.<sup>66</sup>

Com espionagem inimiga constante, a ideia de garantir o máximo de sigilo para a segurança da tropa tornava-se de grande valia, mas manter o completo isolamento das informações era tarefa difícil, principalmente com relação ao grande número de militares deslocando-se para um mesmo objetivo, além do aporte montado, como simulacros de navios e pranchas de embarque, com a finalidade de adestramento e gerenciamento de riscos de acidentes preservando os militares, bem como as próprias embarcações, devido o tamanho e grandiosidade como enfatiza o Tenente Viotti.<sup>67</sup>

Tinha havido antes muito treinamento e muito sofrimento. Estávamos, afinal, entrando no navio, o transporte de tropas norte-americano General Mann. Era de noite. Houvera um sigilo muito grande quando ao dia e à hora do embarque.

<sup>64</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 12.

<sup>65</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 39.

<sup>66</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 45.

<sup>67</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 46.

Temia-se a ação da quinta-coluna<sup>68</sup>, que ajudava a espionagem alemã, informando a saída dos navios e temia-se a ação implacável dos submarinos.<sup>69</sup>

O embarque foi realmente ponto sensível como expressam as narrativas, denotando a tensão do momento, principalmente pelo histórico de ataques por submarinos alemães a embarcações brasileiras e por boatos sobre prováveis sabotagens que eram disseminados a sociedade pelos antagônicos à participação brasileira no combate.

Com relação à grandiosidade do navio e indagações a respeito do embarque, relata impressionado:

O navio era um leviatã, imenso, engolia os nossos soldados. Era como se fosse uma correição infindável de formigas a entrar no ventre insaciável do leviatã. Mil, dois mil, três, quatro, cinco mil e tantos homens entraram pela goela do monstro e desapareceram. Só que aquelas formigas não carregavam folhas ou pauzinhos, carregavam cada qual o seu saco de roupas, calçados, agasalhos, objetos de higiene, lanterna elétrica...Alguns dentre aqueles milhares saíam vivos do ventre do monstro? Iriam todos desaparecer depois nas profundezas do oceano? Atingiriam a Europa? Alguém voltaria para contar história? Eram preocupações que assaltaram nossa mente.<sup>70</sup>

Através de metáforas o tenente Viotti expressa mistos de sentimentos, apresentando certa admiração e ao mesmo tempo bestificando-se diante do tamanho do navio que os transportaria, além do medo por parte das incertezas causadas pelo desconhecido. Fervilhava em sua mente, assim como nas dos demais, perguntas em que naquele momento não haveria resposta.

O soldado Arlindo Bestetti também faz alusão à grandiosidade do navio e detalha o emblemático embarque:

Chegada ao cais do porto. Enorme transatlântico ali, atracado, já recebia no seu bojo os infantes que nos precederam. Ao lado dele, um outro, recebia também a carga humana que devia transportar. Às 15 horas e 30 minutos chegava nossa vez de subirmos a bordo. À frente de minha bateria, apresentei os documentos exigidos e comecei a vencer a ponte de embarque. Minha bateria estava constituída de 4 oficiais e 105 praças. Em poucos minutos, todos já se achavam a bordo, onde já se encontravam alojadas também, outras unidades componentes da Força Expedicionária Brasileira...O grande transporte americano, trazia letreiros, mas viemos a saber chamar-se “General Meiggs”.<sup>71</sup>

<sup>68</sup> Segundo Cármen Lúcia Rigoni, citada nesse trabalho, ao observar o artigo de Dennison de Oliveira, o termo “quinta coluna” teria surgido durante a guerra civil espanhola (1936-1939) quando eram denunciados elementos infiltrados em território inimigo. Na conjuntura brasileira, o termo teve várias conotações, inclusive a de designar por quinta coluna quaisquer elementos que divergissem da orientação do governo.

<sup>69</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 42.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>71</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 12.

A chegada dos navios americanos encontra-se presente nas memórias dos expedicionários, sempre aludindo ao seu tamanho jamais visto, uma vez que o governo brasileiro não possuía em sua frota tamanha embarcação.

Com os militares embarcados e apostos, prosseguiram ao desconhecido no cenário europeu, prestes a escreverem seus destinos na História, prontos ou não, voluntários ou convocados, não tinham mais escolha, rumariam à Itália.

O primeiro escalão deixou o Rio de Janeiro no dia 2 de julho de 1944, chegando em Nápoles em 16 do mesmo mês, o segundo e terceiro escalões saíram juntos no dia 22 de setembro de 1944, aportando em 6 de outubro de 1944<sup>72</sup>, o quarto escalão saía no dia 23 de novembro de 1944 e por fim, o quinto escalão em 8 de fevereiro de 1945, perfazendo um efetivo total de 25.445 homens.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 45.

<sup>73</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 204.

## 2 DO COMBATE NA ITÁLIA AO ESQUECIMENTO NO BRASIL

### 2.1 O cotidiano no navio e todos os seus percalços

Muitas dificuldades passariam os soldados em toda a viagem no navio, havendo diferença entre oficiais, que tinham direito a camarotes e praças, sendo alojados em “decks”, parte inferior da embarcação, quase na linha d’água. As condições eram praticamente insuportáveis, pois o calor era intenso e havia pouca refrigeração, além das dificuldades relacionadas à alimentação, inicialmente preparada à moda norte americana, que apesar de farta, não agradava a tropa brasileira, e necessidades pessoais. Lembremos ainda que o efetivo era de cerca de cinco mil homens retidos ao menos por 15 dias, tempo de duração da viagem. Nesses dias os expedicionários narraram o cotidiano no navio.<sup>74</sup>

O Tenente Abranches Viotti relatou em uma de suas crônicas que intitulou “perdido no navio”, que havia tido muitos treinamentos e muitos sofrimentos dentro do General Mann. Assim como os outros oficiais, cita que suas acomodações foram feitas em camarotes, muito mais confortáveis e que os soldados de seu pelotão tiveram de se instalar nos porões, no “último porão, em meio a gente estranha oriunda de outros estados”, como enfatiza<sup>75</sup>. Porém, essa diferença não se dava somente aos aposentos, mas se estendia a muitos locais dos navios, havendo zonas delimitadas reservadas a praças, enquanto os oficiais, em menor número, possuíam grandes locais para sua permanência, desproporcionais ao efetivo.<sup>76</sup>

Como comandante de pelotão, deveria verificar as condições físicas e mentais de seus homens, e inculcar ânimo, coragem e esperança, algo que ele mesmo desacreditava naquele momento<sup>77</sup>. Isso retratava a atmosfera de apreensão e medo que havia na viagem, fazendo com que os expedicionários se apegassem à religiosidade como refúgio contra aqueles sentimentos desoladores.<sup>78</sup>

Em algumas de suas visitas relembra a saga de um soldado sob seu comando, de nome Campos e que estava há três dias sem se alimentar devido às intermináveis filas

---

<sup>74</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 204.

<sup>75</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 43.

<sup>76</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p.

<sup>77</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 43.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 44.

do rancho, local onde eram servidas as refeições, e que após horas de espera acabava não conseguindo entrar para o consumo.<sup>79</sup>

Viotti explica que eram servidas duas refeições ao dia, com o almoço iniciando às 5 horas da manhã e finalizando ao meio dia. O jantar iria até às 22 horas.<sup>80</sup>

O controle era feito por grupamentos, que possuíam cartões de racionamento furados pelo porteiro após horas de espera na fila para o consumo. Campos por sua vez, segundo relata o Tenente, sempre se encontrava perdido de seus companheiros de alojamento, sendo vedada sua entrada no recinto para o almoço; “coitado, não percebera que os cartões variavam de cor. Entrava sempre numa fila de cartões diferentes dos seus”.<sup>81</sup>

Após dias de fome, enfim Campos conseguira juntar-se a seu grupamento e fazer sua primeira refeição<sup>82</sup>. Isso demonstra o quão difícil fora a adaptação em um navio de proporções desconhecidas da realidade dos pracinhas, bem como do enorme quantitativo instalado em suas dependências.

Os enjoos eram constantes e faziam parte do cotidiano na travessia do Atlântico, como enfatiza Viotti:

“Boa parte da tropa estava morrendo de enjoo. Nos compartimentos eram cinco andares, havia tambores de 200 litros para recolher o vômito dos soldados. Nunca tive uma compreensão tão perfeita do banzo e dos navios negreiros como naquela ocasião. Negros, mulatos, brancos, todos lassos, de cabelo desgrenhado, deitados em suas camas de lona, umas por cima das outras, acometidos de uma tristeza infinita, um enjoo insuportável e, contudo com uma conformação admirável com a vontade de Deus.”<sup>83</sup>

Assim, pode-se ter noção do quão desagradável fora a viagem à Europa, evidenciados pela falta de higiene e conforto, deixando os expedicionários exaustos, mas sempre aceitando as adversidades, alicerçados na fé cristã em sua maioria, refúgio constante contra o medo e para com outros pensamentos negativos e privações às quais passaram.

O soldado Arlindo Bestetti, servindo na 3ª bateria do 4º Grupo de Artilharia Expedicionário, retrata em seu diário de guerra, a viagem colocando-se em meio às privações, demonstrando seus sentimentos em seu diário, diferentemente de Viotti, que

<sup>79</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 44.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>83</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 44.

procurou enfatizar as dificuldades vividas por seus subordinados, deixando pouco sobre si.

Viajando no navio General Meigs escreve sobre a partida para Europa, como momento de fortes emoções, embora ninguém quisesse demonstrar, segundo conta. Sua escolta fora feita por um cruzador à retaguarda, um destróier pouco atrás e à direita, três caça-minas à frente e aos lados dos navios transportes, tendo o General Mann ao lado esquerdo e, por fim, unidades aéreas que sobrevoavam constantemente o comboio<sup>84</sup>. Isso enfatizava o quão organizado fora o deslocamento rumo à Itália, forte aparato para a defesa de eventuais ataques de submarinos alemães.

Somados a escolta, havia os treinamentos de abandono de navio, onde todos deveriam ter conhecimento de seus botes salva-vidas e de seus postos de abandono. Tiros eram realizados por sua tripulação, constituída pela tropa americana como forma de adestramento, mas segundo boatos, diziam haver suspeitas de inimigos nos mares do Atlântico, nada constatado.<sup>85</sup>

Os enjoos faziam parte do cotidiano de todos, inconvenientes mencionados em relatos, seja de oficiais que viajavam em locais mais confortáveis, seja por soldados, que foram alocados em alojamentos insalubres, próximos até das casas de máquinas. “Nos corredores do convés do navio, abarrotavam-se os soldados, com náuseas, os quais eram mandados para cima, a fim de respirar ar puro. Eu também comecei a sentir os efeitos desagradáveis desse mal. Assim, fui me deitar cedo, para abrandá-los.<sup>86</sup>”.

Sobre a comida, anteriormente quando no Brasil, fornecida pelo Exército Brasileiro, havia escassez e falta de higiene quanto à sua preparação, agora, a bordo dos navios, sob comando americano, mesmo sendo bastante nutritiva, não agradava aos soldados, pois apesar de farta, com carnes, frutas, compotas, leite, pão, café, era preparada ao modo norte-americano, sem sal<sup>87</sup>. Somente depois, os cozinheiros brasileiros assumiram a cozinha, melhorando sua preparação.<sup>88</sup>

Bestetti enfatiza, assim como outros pracinhas, a saudade da família, esposas, filhos, mães, pais, sentimento que apossava de todos, fazendo surgir indagações sobre

---

<sup>84</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, pp. 14-15.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>87</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 16.

<sup>88</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 44.

seu retorno, e se esse haveria de acontecer. Naquele momento não existiam respostas, e o expedicionário apegava-se ainda mais à religiosidade.<sup>89</sup>

Sendo a maioria formada por católicos, havia em cada unidade um Capelão Militar, título recebido aos padres que ingressaram no Exército, cuja missão era fornecer espiritualidade aos soldados no combate:

A missa, a qual assisti, muito me comoveu, tanto pelo ritual religioso como pela eloquência do orador, que em seu sermão usou como tema a saudade que todos deviam estar sentindo da pátria e da família e da importância da missão que nos levava à Europa. Não omitiu a verdade, de que muitos não regressariam em matéria, mas sim, em espírito e que jamais seriam esquecidos.<sup>90</sup>

A saudade perturbava a todos, assim como o medo afligia cada militar, restando a fé como forma de acalento para seus anseios, pois a única certeza que tinham era a de que estavam indo para uma guerra em um país desconhecido, sob causas que não eram de suas responsabilidades e cujo inimigo era temível e disciplinado.

## 2.2 O que viram? Destruição e miséria

Ao chegarem à Itália, o país se encontrava numa situação econômica, social e política complexa, com quase 1/3 de seu território sob domínio de forças alemãs ou simpáticas ao nazi-fascismo, outra parte controlada por forças aliadas, seja americana, seja inglesa e, embora o rei Vitor Manuel III tivesse destituído Benito Mussolini, líder Fascista, o governo pouco controlava os rumos de sua pátria.<sup>91</sup>

Desembarcaram em Nápoles e tiveram a primeira visão de destruição em larga escala, havendo carcaças de navios e todo o porto aniquilado juntamente com o restante da cidade devido às ações da artilharia aliada e por tropas alemãs, que demoliram parte de instalações que pudessem servir para o inimigo.<sup>92</sup>

Viotti denomina que sua chegada ao porto fora apocalíptica, visualizando somente ruínas e destruição, navios semi naufragados e incendiados, provocados pelos bombardeios.<sup>93</sup>

Olho aquela destruição aterradora, penso na força tremenda das bombas capazes de desmanchar aquelas construções enormes e sólidas, e penso naquelas mesmas bombas jogadas

<sup>89</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 17-18.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>91</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 54.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>93</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 52.

em cima de nós, de nossos corpos frágeis, esmagando-nos como formigas.<sup>94</sup>

Estavam aterrorizados, pois jamais haviam compartilhado de tanta destruição, imaginando quão devastadora era a guerra pela qual lutariam e como frágeis eram diante de tanta força militar.

Bestetti, escreve em seu diário de guerra sobre o que chamou de “aquele assombroso 06 de outubro de 1944”, data em que consta em suas escritas o dia em que, segundo evidencia, jamais ter visto algo semelhante devido a tamanha aniquilação, com inúmeros navios e submarinos destruídos, fixando em sua memória o primeiro contato que o militar teve como membro do segundo escalão da FEB com o conflito. Porém, muitos esforços estavam sendo feitos já naquele momento, bem como ocorria a chegada incessante de navios aliados, que desembarcavam material de toda espécie, bélicos e gêneros, transportando cargas para diferentes pontos da região.<sup>95</sup>

Diferentemente do Tenente Viotti, que desembarcou no Porto de Nápoles, o Soldado Arlindo Bestetti permaneceu atracado juntamente com seu pelotão, aguardando ordens para que fossem para outro ponto, que se confirmou ser Livorno.

Eu disse porto de Livorno, mas este não existia. Devia dizer: onde outrora existia o Porto de Livorno. A destruição ali, fora completa... a sistemática destruição feita pelos alemães devia ter dado muito trabalho aos aliados. Uma pequena brecha apertada, entre os navios afundados, permitia a passagem dos nossos barcos.<sup>96</sup>

Chegados à Itália, os expedicionários puderam ter noção do que estaria por vir, pois nos portos e nas cidades só havia destruição e miséria. O medo e apreensão já se tornavam constantes, apegando-se à religiosidade para que pudessem, de alguma forma, ter um pouco de conforto diante de tamanho desespero. Viam o quão grande era o poderio alemão, mesmo com o conflito quase findado, algo que não sabiam até então, mas principalmente por chegarem até ali e ainda não terem sequer a preparação mínima para enfrentar o inimigo europeu.

Também chamava a atenção dos combatentes a miséria em que se encontrava o povo italiano, os considerando em seus relatos como civis andrajosos e famintos, que disputavam pedaços de alimentos que os soldados doavam, além de cigarros ou

---

<sup>94</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 53.

<sup>95</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 23.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 27-28.

qualquer outro objeto que pudesse saciar suas necessidades imediatas ou mesmo servir de barganha.<sup>97</sup>

A guerra desestruturava o fornecimento de alimentos básicos e sua distribuição, além de água potável, eletricidade e transportes, sendo que áreas urbanas foram mais afetadas que as rurais, que poderiam ter a possibilidade de produção de alimentos para subsistência.<sup>98</sup>

Necessitando criar uma estrutura mínima de funcionamento das cidades conquistadas, a presença da FEB fora de extrema importância, especialmente porque a Itália tornara-se um aliado a partir do momento em que declarara guerra à Alemanha. Foram os pracinhas que desempenharam a distribuição de alimentos à população, ganhando prestígio com o povo, conquistando a confiança que fora de grande valia principalmente nos planejamentos aos ataques, pois muitas vezes, foram os civis italianos quem forneciam as informações básicas sobre terreno e posição da resistência alemã.<sup>99</sup>

Os pracinhas se compadeciam com a pobreza e a degradação social, criando um vínculo emocional, identificação até mesmo familiar, fazendo com que surgisse um sentimento fraternal como relata o Soldado Benedito, muito bem utilizado por Meron em sua dissertação.

[...]quando cheguei, desembarquei no cais, na Itália, logo apareceram muitas crianças e velhos, pois a gente quase não via jovens, presos e levados que foram para as linhas alemãs, a fim de participarem na construção de casamatas e abrigos para o inimigo. Mas as crianças, as mulheres e os velhos se aproximavam dos brasileiros e diziam: *Brasiliano, noi abbiamo molta fame; dammi um poco d'alimento*[...]então, víamos, imaginávamos nossa casa no Brasil, graças a Deus, sem aquele tipo de coisa, em virtude de uma guerra que destruía tudo, como aconteceu em Nápoles, as famílias esfaceladas, sem que soubessem onde andavam os irmãos, os pais, sem teto. [...]aí, agente metia a mão no borsal e dava uma lata de chocolate, uma barrinha de biscoito, uma carteira de cigarro, cigarete. Então diziam assim: *grazie, grazie, brasiliano, voi avete um buon cuore* — agradecido, agradecido, brasileiro, você tem um bom coração [...]<sup>100</sup>

A destruição e miséria da população fez surgir entre os expedicionários um sentimento de fraternidade para com o povo italiano e ao mesmo tempo em agradecimento sempre a Deus, envolvendo o lado religioso, de que a guerra não chegara ao Brasil, sentindo-se aliviados, de certa forma, pois aquela tristeza absoluta, vista nos

<sup>97</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, pp. 23-24.

<sup>98</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 59.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>100</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 62.

olhos dos italianos, não fora sofrida por seus parentes e entes queridos. Porém, o pior ainda estaria por vir, se preparavam para o Front.

### 2.3 No front, o medo

Incorporados ao 5º Exército Americano, a FEB recebera armamentos, equipamentos e viaturas, que há muito aguardavam, somente sendo entregues em solo europeu, pois até mesmo os americanos não estavam conseguindo suprir suas divisões, pois preparavam-se para o embate na costa francesa, onde destinavam todo o aparato que podiam.<sup>101</sup>

Com todo material necessário para o combate, organizavam-se para o front, porém, dar-se-á maior importância nesta parte do capítulo sobre o sentimento que na maioria das vezes não fora retratada de forma direta pelos pracinhas em seus cotidianos, analisando a questão do medo diante do combate real contra o inimigo bastante temido, como relatou em suas crônicas por parte do Tenente Abranches Viotti e em seu diário, pelo soldado Arlindo Bestetti.

O sentimento resplandecia a todo momento, havendo até mesmo o medo de ter medo, como evidencia Viotti em sua crônica intitulada “a tábua da salvação”:

Passam-se os anos. Convocado, sou mandado para a guerra. Como marinheiro de primeira viagem, não sabia se ia aguentar os embates da guerra, se seria acometido de algum medo incontrolável. Tinha um medo terrível de ter medo, de me acovardar. Tinha receio de enlouquecer. Não seria o primeiro nem o último [...] nesse meio tempo meu dedo indicador da mão direita, o que havia sido operado, o dedo de puxar o gatilho, começou a ficar esquisito, a ficar feio, arroxeadado, inchado, doendo. Vislumbrei nele uma tábua da salvação. Se sentisse que a guerra era superior a minhas forças, estava ali a desculpa, não provocada, não inventada, visível, fácil de comprovar. [...] um companheiro tinha uma receita singular de dentes de alho, capaz de provocar febre alta, que ele julgava infalível para escapar da guerra. Mas, tanto ele como eu, fomos nos acostumando com a guerra. Perdendo o medo. Passando a confiar mais em Deus.<sup>102</sup>

O medo fazia-os pensar em linhas de ação para fugirem da guerra, mas não queriam ser reconhecidos por covardes perante seus companheiros. Por isso, pensavam em soluções que os fizessem sair do confronto através de subterfúgios difíceis de serem comprovados. Porém, Viotti relata que a guerra fora passando e o medo também, mas na verdade, jamais deixou de existir dentro de cada ser humano diante do desconhecido, encontrando na religiosidade um modo de vencer as adversidades.

<sup>101</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 205.

<sup>102</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 155-156.

O Tenente combateu na linha de frente em Monte Castelo, o descrevendo como sendo:

negro, estranho e sinistro ao cair do inverno[...]baluarte quase inexpugnável, se lembrando dos combates, os assemelhando a um jogo horrível do gato com rato, que a artilharia e os morteiros alemães jogavam quotidianamente com nossos pobres jipes e caminhões.<sup>103</sup>

Evidenciando também em suas lembranças as noites horríveis e de agonia ao patrulhar pelas posições:

Monte Castelo vale pelo conteúdo imenso de sacrifício imposto às tropas brasileiras. Em determinados pontos estávamos tão próximos do Castelo que, naqueles dias cinzentos e inacreditavelmente silenciosos que soem em acontecer nos campos de batalha, se ouvia o Tedesco falar do lado de lá da terra de ninguém, se ouvia o inimigo melhorando sua organização do terreno. E naqueles horríveis intervalos de silêncio, nas noites tenebrosas e intermináveis do inverno, todos nós éramos obrigados a falar cochichando como num confessionário. E aí de nós se um pracinha descuidado batesse com a sua ferramenta de sapa nalguma pedra ao aprofundar o seu abrigo individual. Era bombardeio na certa.<sup>104</sup>

Observa-se que o sentimento de medo não é introduzido no discurso do tenente, mas está presente de forma implícita e bastante clara ao observar em sua narrativa a forma em que evidencia os locais de combate, a preocupação em não ser percebido pelo inimigo e apreensão que havia aos bombardeios. Ninguém queria morrer.

Em outro ponto da guerra, Bestetti juntamente com seu pelotão preparavam-se no acampamento localizado na região de Tenuta de S. Rosare, próximo a Pisa, local em que conseguiam ouvir o barulho dos canhões, denotando a proximidade com o combate ao qual brevemente estariam.<sup>105</sup>

Ao receberem a visita do General Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia, no dia 10 de novembro de 1944, com a finalidade de designá-los ao front de combate, iniciaram toda a preparação de sua bateria, ou seja, unidade, partindo no dia 13 do mesmo mês.<sup>106</sup>

Relata em detalhes o dia da partida, cuja alvorada fora dada às 4 horas e 30 minutos, manhã fria havendo neve por toda a cadeia de montanhas. Seguiram e passaram por cidades como Montecatini, Pistoia, Serra de Porreta, até chegarem à

<sup>103</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, p. 259.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 260.

<sup>105</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 30.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 45-46.

posição de Lodio, local em que enviaram os primeiros tiros contra as posições inimigas.<sup>107</sup>

Não permaneceram por muito tempo, havendo ordem para nova mudança de posição, chegando ao vilarejo chamado Savignano, às margens do rio Minentra, local absolutamente desconfortável, como evidencia, com grande quantidade de lama, o que dificultava o acesso de sua bateria. De sua localização desferiram novo ataque às posições inimigas<sup>108</sup>:

O grupo todo às 6 horas e 30 minutos iniciou o grande bombardeio. As casas tremiam com as deflagrações dos canhões. Jamais, eu vira bombardeio semelhante. Todas as peças atiravam, simultaneamente. Não se avistavam os arrebetamentos, mas ouviam-se as explosões das granadas, já em território inimigo. Todos se sentiam dominados por forte emoção ao observar um bombardeio como este. Durou meia hora contínua.<sup>109</sup>

Bestetti evidencia forte emoção com relação aos bombardeios contra o inimigo alemão, que naquele momento não apresentava reação e, portanto, não explicitava o medo dentro do seu cotidiano naquele combate. O sentimento que havia naquele momento, como cita veementemente em algumas passagens era o de dedicação à pátria, onde lutavam por liberdade humana e paz, mesmo através da violência.

Analisando seu diário, Arlindo Bestetti descreve a destruição ocasionada pelos intensos bombardeios aliados e inimigos, a miséria em que se encontrava a população italiana e que, além das inúmeras privações que passavam naquele momento, o sentimento de fraternidade para com os brasileiros e vice versa, florescia a todo instante. Dessa forma, explica-se o patriotismo exacerbado e a vontade de ajudar aquela população miserável, principalmente pelo fato de serem, em maioria, oriundos de famílias humildes vindos dos diversos rincões brasileiros, mas que jamais passaram por situações parecidas, porque mesmo pobres nunca vivenciaram uma guerra. Nesse primeiro momento, através dos ataques a favor e de certa forma sob controle de suas posições, o medo ainda não fora latente em suas escritas.

Somente ao descrever os bombardeios em que sofrera é que se pode identificar, mesmo que não evidencie explicitamente, o medo, a apreensão, o terror que a guerra trazia, bombardeios como os da missão que fora designado em Vermignano, e que, na tentativa de retorno, suas posições foram reconhecidas pelo inimigo:

No regresso, fomos bombardeados pela artilharia alemã de pequeno calibre...os tiros mal regulados iam arrebetando pelo caminho onde

<sup>107</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 48.

<sup>108</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 54.

transitávamos. Uma granada caiu na estrada, mesmo à frente do nosso caminhão, mas por feliz providência, enterrou-se na lama e não explodiu... outros arrebatamentos iam se dando à direita e à esquerda...por fim, alcançamos uma posição, que nos dava cobertura contra os tiros inimigos. Convencemo-nos de que a boa sorte estava conosco...com a graça de Deus, nada grave aconteceu.<sup>110</sup>

Implicitamente, o medo estava presente nessa passagem em que demonstra os ataques que ocorreram em frações de segundos e, que passados os transtornos, já em posições de segurança, recorrem ao poder divino como forma de acalento diante das dificuldades transcorridas. Sempre dando graças pela sua salvação, explicitando que esse sentimento estava sempre diretamente ligado também à religiosidade da tropa, principalmente dos agentes em questão, pois sempre após sofrerem ataques, principalmente semelhantes aos citados, aludem a Deus o fato de estarem vivos.

Situações semelhantes ocorriam a todo instante no front, mesmo que em nenhum momento dissessem sobre tal sentimento, havia verossimilhança ao escreverem sobre os bombardeios por diversas vezes mortais e que impediam que pudessem permanecer tranquilos no front, pois ouviam a todo instante os zumbidos das granadas caindo próximos de suas posições, ou ao relatarem sobre as patrulhas em que denotavam grande apreensão ao provável encontro direto com o inimigo alemão.<sup>111</sup> Assim sendo, a evidência sempre fora clara, o medo era absolutamente presente.

## 2.4 Os “heróis” abandonados e esquecidos

Em oito meses de combate os pracinhas foram testados em terrenos localizados no Vale Serchio, Camaiori, Monte Prano, Barga, chegando à Linha Gótica, com seus 250 quilômetros de extensão, situada entre o mar Cáspio e o Tirreno, última fortaleza alemã, que permanecia fortemente armada, pois não queriam entregar Bolonha. Também combateram nas campanhas de Monte Castello, Montese e Fornovo de Taro.<sup>112</sup>

No dia 8 de maio de 1945, hoje denominado Dia da Vitória, o mundo vivenciava os últimos dias da Segunda Guerra Mundial, considerada a mais sangrenta até então, ceifando milhões de vidas, incluindo a de 443 brasileiros, marcando a memória de

<sup>110</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 58.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>112</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 484.

gerações, especialmente dos pracinhas, que naquele momento encontravam-se na Itália.<sup>113</sup>

Gritos ecoavam por todos os lados: *La guerra finita! La guerra finita!* Findando assim, a participação da FEB no teatro de operações italiano, motivo de festejo por parte da população e dos soldados que passaram a imaginar o retorno para suas famílias, que se deu em sete viagens, chegando em 18 de julho de 1945, o primeiro escalão, terminando em 3 de outubro do mesmo ano, a última parcela da tropa.<sup>114</sup>

Ao entrarmos na Bahia da Guanabara, centenas de embarcações, de todos os tipos, aguardavam-nos e acompanharam-nos apitando festivas, bandeiras desfraldadas ao vento. Foi um espetáculo emocionante e inesquecível. Partiríamos para a guerra escondidos, despercebidos. Voltávamos em festa, como se fôramos heróis... os aplausos, delirantes...pudemos desfilar garbosamente...impulsionados pelo som de hinos militares e pelo rufar dos tambores, presa de grande emoção, de sentimentos contraditórios, alegria, orgulho, vontade de chorar diante dos aplausos delirantes do povo...só faltávamos levitar.<sup>115</sup>

Abranches Viotti enfoca bastante patriotismo em toda sua crônica, especialmente quando se lembra do retorno ao seu país e encontro de entes queridos, evidenciando naquele momento, um misto de emoções compartilhado entre os demais pracinhas, que irradiavam orgulho por serem reconhecidos como heróis de guerra, mas também de tristeza pelos companheiros que deixaram seus lares para jamais voltarem e, pela destruição e miséria causada pelos embates ideológicos que vivenciaram em solo europeu.

Arlindo, sobre sua chegada ao Brasil expressa sentimentos semelhantes, jamais esquecendo daqueles que ficaram:

Nossos corações até se descompassavam com tanto calor humano. Era um dia que ficaria indelével em nossa mente[...]no solo da pátria, o sentimento é outro. O lar, a família, o esquecimento dos horrores da guerra, era tudo o que nos preocupava naqueles momentos[...]ao olhar o céu estrelado onde brilhava refulgente o Cruzeiro do Sul, elevei meu pensamento para o Altíssimo e agradei a ventura que me concedeu de retornar à terra querida, com saúde perfeita e o sentimento de dever cumprido. Pedi ainda a Deus que recebesse em Seu Reino os companheiros cujos corpos ficaram na bela Toscana, mas cujas almas receberão a glória maior- a bem-aventurança eterna, na morada dos bons, dos justos e dos heróis.<sup>116</sup>

<sup>113</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 483.

<sup>114</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, pp. 138-139.

<sup>115</sup> VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998, pp. 426-427.

<sup>116</sup> BESTETTI, Arlindo. **Um combatente na FEB**. Campinas: Komedi, 1999, p. 141.

A emoção de estar no Brasil novamente contagiava cada combatente, principalmente por serem recebidos no Rio de Janeiro por milhares de pessoas, que os aplaudiam e os ovacionavam, além de receberem o carinho de entes queridos, que os ajudavam a amenizar os horrores presenciados na Itália.

A religiosidade dos pracinhas, como expressa Arlindo, não era somente para agradecer por estarem vivos, saudáveis e ao encontro de suas famílias; rogavam a Deus por seus amigos, companheiros no combate, que deixaram suas vidas em prol da pátria, misturando alegria e tristeza no retorno ao lar.

Contudo, as festividades não duraram muito tempo, pois os expedicionários que permaneceram como militares passaram a ser desvalorizados dentro da instituição a qual serviam, que ao invés de constituir-se em orgulho e símbolo de modernização, tornaram-se incômodo, pois denotava as falhas que o Exército apresentava quando comparado com o Americano, sendo proibidos de usarem seus uniformes, distintivos da FEB e condecorações de Campanha.<sup>117</sup>

Como a maior parcela dos pracinhas fora licenciada, ou seja, não seguiram a carreira militar, a reintegração social passou a ser ainda mais complicada, pois a inserção no mercado de trabalho fora prejudicada pela baixa escolaridade dos soldados brasileiros. Aqueles que antes da partida possuíam emprego, que por lei teriam seus direitos garantidos, muitas vezes a legislação não fora cumprida, principalmente pelo fato dos veteranos passarem a ser estigmatizados, havendo muitos casos em que os pracinhas apresentassem não somente sequelas físicas, mas por diversas vezes psíquicas<sup>118</sup>. Muitos se entregavam ao alcoolismo e à prática de violência doméstica, além de não terem ganhado nenhuma pensão especial como reconhecimento por seus sacrifícios no front italiano,<sup>119</sup> levando os jovens expedicionários não só ao esquecimento, mas à miséria.<sup>120</sup>

---

<sup>117</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 142.

<sup>118</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 143.

<sup>119</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 69-70.

<sup>120</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 143.

Diferentemente dos militares brasileiros, os veteranos norte-americanos, mesmo representando um alto custo para o Governo, tiveram um programa de reabilitação social, profissional e financeira.<sup>121</sup>

Desamparados pelo Governo e pelo próprio Exército, a solução encontrada pelos ex-combatentes foi a criação de associações, surgindo em 1 de outubro de 1945 a Associação dos ex-combatentes do Brasil (AECB) e o Clube dos Veteranos da Campanha da Itália em 1963, passando a ser denominado Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) em 1972, tendo por finalidade a luta pelo direitos às pensões, assistência médica e jurídica, bem como de servir de centros sociais com o objetivo de manter a história coletiva da FEB.<sup>122</sup>

Apesar de tentativas de agentes governamentais em decretar leis para solucionar os problemas reivindicados pelos pracinhas, cujo cumprimento jamais fora seguido, apenas em 1988, após a promulgação da nova Constituição Federal, os agora veteranos conquistaram o direito a uma pensão especial, como reconhecimento por seus sacrifícios, porém, tarde para a grande maioria dos expedicionários, pois dos 25 mil homens restavam menos de 10 mil ainda vivos.<sup>123</sup>

Por fim, ao analisar o diário do soldado Arlindo Bestetti e o livro de crônicas do Tenente Viotti, nota-se o patriotismo exacerbado em seus relatos, especialmente quando no retorno ao Brasil, pois não imaginavam tamanho descaso para com seus serviços prestados à nação, que os esquecera juntamente com os órgãos públicos, sendo colocados à margem quando não mais precisaram de seus esforços de guerra.

---

<sup>121</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 70

<sup>122</sup> MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 145.

<sup>123</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 70.

## CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa, como já evidenciada à introdução, foi analisar o cotidiano da Força Expedicionária Brasileira, expressando a deficiência do Exército em formar um contingente capaz de combater na Segunda Guerra Mundial devido à falta de equipamentos e preparos adequados; sentimentos apresentados pelos pracinhas diante do front, onde o medo, apesar de não relatado de forma direta, sempre estava presente, juntamente com a religiosidade dos combatentes; o retorno ao convívio da família e dificuldades na reintegração social, sendo rapidamente esquecidos pela sociedade.

Como bem explicitou o historiador Francisco César Ferraz, à época fora evidenciada a chamada diplomacia ambígua de Vargas, pois em seu regime conhecido por Estado Novo, que perdurou entre os anos de 1937 a 1945, além de expressar simpatias fascistas, concomitantemente relacionava-se para com os interesses norte-americanos. Ao aceitar a política estratégica dos Estados Unidos da América, que, em contra partida, patrocinaria a construção de uma siderurgia no Brasil, bem como equiparia as Forças Armadas Brasileiras, o governo brasileiro, após pressões, tomara partido.<sup>124</sup>

Apesar da desconfiança dos americanos devido às afeições pelo fascismo por parte de Vargas e de parcela da sociedade, resolveu-se aceitar as exigências com relação à sua política externa, pois o país, dentro do ponto de vista estratégico, favoreceria a guerra no Atlântico, forçando o rompimento com a neutralidade, que logo depois se transformaria em estado de beligerância, uma vez que a soberania nacional fora ferida através de torpedeamentos de navios brasileiros por parte da Alemanha.<sup>125</sup>

Diante disso, no primeiro capítulo procurou-se estudar as circunstâncias na formação dos expedicionários, diante de uma sociedade carente, cujo material humano brasileiro representava uma miséria física, como bem expressou em sua tese, Maria Lúcia Rigoni. Ainda assim, formou-se um contingente com pouco mais de 25 mil homens, que receberam em um primeiro momento, equipamentos e treinamentos inadequados para o combate no teatro de operações europeu, evidenciando um cotidiano de adversidades que tiveram que superar, pois apesar de naquele momento ainda não

---

<sup>124</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 16-17.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 18.

saberem ao certo o local onde iriam combater, o embarque para o desconhecido estava próximo.<sup>126</sup>

Contudo, sentimentos de incerteza e medo surgiam perante o futuro obscuro, relatados pelas fontes utilizadas, como no livro “Crônicas de Guerra: A Força Expedicionária Brasileira na Itália” de Cássio Abranches Viotti e “Um combatente na FEB” de Arlindo Bestetti, que apesar de evidenciarem a todo momento um teor de heroicização, principalmente nas crônicas de Viotti, pois foram escritas 54 anos após sua participação no conflito, expressavam, mesmo que de forma indireta, os sentimentos levados à guerra, juntamente com a indignação. Especialmente no primeiro momento, à preparação inadequada que tiveram, ao recebimento de materiais não condizentes com o padrão de combate que experimentariam, mas principalmente, ao embarque nos navios que os levariam às piores experiências de suas vidas.

No segundo capítulo fora analisado, respeitando a cronologia das ações desempenhadas pela FEB, a viagem nos navios norte-americanos, que se impuseram por sua grandiosidade aos nossos combatentes, relatando os percalços existentes em todo o percurso para a Europa, evidenciando os enjoos, frequentes em seus escritos, não esquecendo das apreensões devido às incertezas da guerra e da saudade para com seus entes queridos.

A miséria e destruição encontradas ao desembarcarem na Itália, fortaleceram ainda mais os sentimentos de incerteza e medo, pois puderam ter noção do poderio alemão de destruição em massa. Contudo, os pracinhas, designados a ajudarem o povo italiano, se compadeciam de suas aflições e necessidades básicas, surgindo em meio a tanta tristeza, um sentimento fraternal para com aqueles cidadãos.

Preparados ou não, seguiram para o front, destacando nessa parte da pesquisa o medo em sua forma mais latente, perante os combates e bombardeios em que estiveram envolvidos os expedicionários, fortalecendo como amparo aos cruéis sentimentos, a religiosidade, também em sua forma mais expressiva, pois os expedicionários queriam a todo custo sobreviver diante daquele cotidiano repleto de destruição, miséria e morte.

Findada a guerra, retornaram como “heróis”, denotando um sentimento de dever cumprido, de verdadeiro amor à pátria, pelo menos era o que expressaram nas fontes analisadas. Porém, não imaginavam que seriam esquecidos tão rapidamente,

---

<sup>126</sup> RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 175.

desvalorizados pela mesma pátria que agora lhes negava oportunidades de emprego aos licenciados do Exército e, para aqueles que permaneceram nas fileiras havia a depreciação para com suas conquistas, impedidos de usarem suas fardas e exibirem suas condecorações. Para todos, foram recebidos baixos soldos, como forma de bons serviços prestados, restando a indignação, o esquecimento e para muitos, a miséria.

Diante de toda análise apresentada, conclui-se que os soldados, voluntários ou convocados, em maioria, foram à guerra, mas jamais a quiseram, experimentando os piores momentos que o combate poderia lhes fornecer.

Ainda assim, receberam como prêmio, o esquecimento histórico, para grande parte da sociedade brasileira, que por falta de conhecimento ou até mesmo incentivo, não procuram estudar esse momento tão importante da história do país. Seja por simplesmente considerar sua participação meramente simbólica ou por colocar em dúvida a efetiva contribuição da Força Expedicionária Brasileira na campanha junto dos Aliados, como evidencia Francisco César Ferraz.<sup>127</sup>

Por fim, a intenção desta monografia não é a de transformar os ex-combatentes em heróis nacionais, mas sim de colocá-los como parte importante de um processo que influenciou os rumos da nação, mostrando os horrores do cotidiano da guerra dos pracinhas, especialmente sob a ótica daqueles de patentes mais baixas, que verdadeiramente estiveram frente ao caos, bem como de trazer a tona a memória sobre aqueles que mesmo por um período estiveram em confronto contra as ideologias fascistas, e apesar de não constituírem atuação decisiva na vitória Aliada, deram a seu país o que tinham de mais valioso, a vida.

---

<sup>127</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 70-71.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Fontes:**

BESTETTI, Arlindo. Um combatente na FEB. Campinas: Komed, 1999.

VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Belo Horizonte: Alexandre Cardoso, 1998.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Livros:**

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. 3ª Ed. Bela Vista: ed. WWF Martins Fontes, 2010,

CLAUSEWITZ, Carl. Von. **Da Guerra**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CUNHA, Maria Teresa. **Territórios abertos para a História**. In PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina de (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

FEREZIN, Carla Cristina Wrbieta. **Leitura de Clausewitz no Exército Brasileiro: interpretações da trindade da guerra**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, São Carlos-SP, v.22, n. 1, 2013.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, M.V.M; FOLY, F.M. **Força Expedicionária Brasileira: 70 anos. Uma análise política do processo de negociação, criação e dissolução**. Rio de Janeiro: Revista brasileira de História Militar, 2013.

TOTA, Antônio Pedro. **Segunda Guerra Mundial**. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). História das Guerras. São Paulo: Contexto, 2006.

### **Artigos e Teses:**

MERON, L. B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

RIGONI, C. L. **Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.